

mundo
PESQUEIRO

QUATRO ESTAÇÕES

Tem



“trem” na linha!

Contrariando todas as previsões e enfrentando as adversidades climáticas, veja como o sucesso da pescaria depende muito mais do pescador do que do peixe

Texto: Francisco José Starling, equipe Mundo Pesca

COMO O INVERNO DE 2011 FOI MAIS RIGOROSO QUE NOS ANOS ANTERIORES, MINHA PROGRAMAÇÃO DE PESCA ESTAVA EM RISCO, POIS AS NOTÍCIAS DOS PESQUEIROS PRÓXIMOS ERAM DESANIMADORAS. EXCLUÍDAS AS CARPAS E TILÁPIAS, AS DEMAIS ESPÉCIES QUE POVOAM OS PESQUEIROS, COMO PINTADOS, PIRARARAS, TAMBAQUIS, TAMBACUS, PIAUS E MATRINCHÃS, ESTAVAM COM MUITO POUCO APETITE. PARA PIORAR, SE EU REALMENTE FOSSE ME AVENTURAR COM ESTE PANORAMA NEGATIVO, AINDA TERIA QUE IR SOZINHO, O QUE ME IMPOSSIBILITARIA FAZER AS FOTOS COM QUALIDADE E ATÉ MESMO INVIABILIZARIA A PESCARIA NOTURNA.

Mas uma coisa me animava: saber que por pior que fossem os dias de pescaria, eles seriam melhores que ficar em casa na cidade grande, respirando poluição ao invés de ar puro e o cheiro da terra. Isso para mim já é tão revigorante que, aproveitei as facilidades de deslocamento e hospedagem e decidi tentar a sorte com os grandes Tambaquis e Tambacus, mesmo em pleno inverno, no Pesqueiro e Hotel Fazenda Quatro Estações, pertinho de Belo Horizonte/MG. Arrumei minhas tralhas e, em 1h30 estava instalado, com material pronto para mais um dia de trabalho à beira d'água.



EOS "TRENS" COMEÇARAM A APARECER

As coisas estavam realmente sérias, no dia de minha chegada foram físgadas muitas Tilápias e apenas poucos redondos, ainda assim de pequeno porte - até 6kg. Durante a noite o frio era intenso, o sol somente começava aquecer a água e animar os peixes após as 9h, quando ocorriam algumas físgadas depois de uma boa ceva com ração flutuante no local. Assim, no segundo dia de pesca as coisas foram esquentando e o metabolismo dos peixes - apesar de afetado pelas baixas temperaturas - me ajudou a atingir meu objetivo. Foi um total de 11 peixes físgados durante o dia, com pesos variando de 10 a 16 quilos.

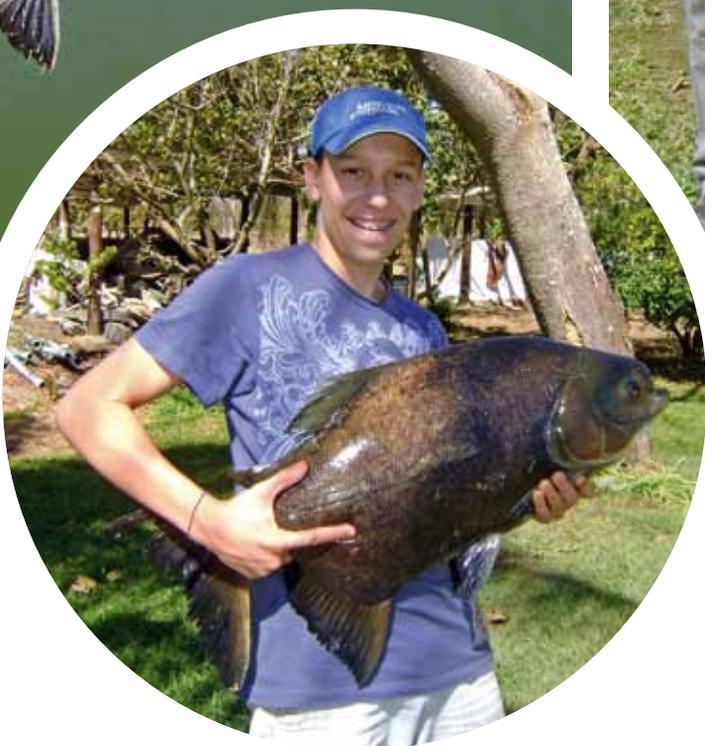
Tal fato positivo, somado à deliciosa comida do pescueiro (feita em fogão à lenha) e o dia limpo (sem nuvens) foi um prenúncio do que me aguardava, pois no dia seguinte, ainda com bruma de amanhecer, consegui, após várias tentativas físgar um grande Tambacu, com aproximadamente 20kg que, depois intensa briga, foi retirado da água para as fotos e devolvido aos seus domínios.

Com o peixão capturado no equipamento recém-montado, veio também o conhecimento. Após um estouro da linha em físgada anterior, e observar que os peixes estavam em uma zona de conforto térmico - compreendida entre a superfície e um metro abaixo dela -, percebi que era raro o ataque às iscas de fundo e, ainda assim, apenas aspiravam as iscas de superfície, sugando as mesmas com tamanha sutileza que para conseguir a físgada com boias, só com o equipamento nas mãos. Não dava tempo sequer de retirar a vara da espera e o peixe já tinha roubado a isca.

EQUIPAMENTO E TÉCNICAS

O equipamento vencedor era composto por vara de ação rápida (25/30lb), linhas de monofilamento 0,45mm, boia de arremesso tipo torpedo e líder de 70cm (fluorcarbono de 40lb), atado diretamente em anzol escuro, haste curta e reforçado,





Em poucas palavras, tudo para o mineiro é um “negócio”, uma coisa, ou um “trem”! Como um amigo meu costuma brincar: “para mineiro tem trem de comer, de dirigir, de aprender, de ensinar, de beber...”

tamanho até 4/0, iscado com ração labina do próprio pescueiro (previamente amolecida por pinga). Com ele foram inúmeras as capturas, mas os grandes exemplares continuavam me frustrando, pois faziam suas evoluções de “nado sincronizado” na superfície, mas se não atacavam a ração enquanto flutuava (nos poucos minutos antes da água fazer com que afundassem com o peso do anzol), desdenhavam-na na subsuperfície. Eu apenas assistia aos “sub-

marinos” perto de mim.

Sou mineiro com muito orgulho e devo explicar que, em Minas Gerais, há expressões que são muito abrangentes. Assim, o hospitaleiro e desconfiado mineiro, utiliza palavras comuns com significado regional, o que muitas vezes desnorteia o ouvinte mais desavisado.

Em poucas palavras, tudo para o mineiro é um “negócio”, uma coisa, ou um “trem”! Como um amigo meu costuma

brincar: “para mineiro tem trem de comer, de dirigir, de aprender, de ensinar, de beber...” e completa “só não é trem aquele ‘coiso’ que anda na linha e para na estação da estrada de ferro”. Desta forma, quando o mineiro quer falar que precisa arranjar uma solução para um problema, ele diz apenas que “tá pensando num negócio” ou que está “bolando uma coisa para conseguir fugar um trem”.

Como observação e vontade fazem a



No breve instante em que a linha estica e a fígada é feita, e confirmada, parece que o mundo para! Carretilha cantando, peixe tomando linha e a vara apontada para o céu



diferença na pescaria, consegui “botar um trem na minha linha”, utilizando em outra vara de mesma capacidade e tamanho (1,75m) uma linha de multifilamento de 40 libras, com boia de arremesso e um líder atado por um nó específico (albright knot) em uma ração artificial, que ganhei do amigo pescador e comerciante de equipamentos de pesca Alexandre. Essa ração, além de ser confeccionado com anzóis reforçados e em tamanhos variados, ainda tem uma textura diferenciada, com granulações que lhe dão um aspecto mais similar às razões de pescueiros. Em seu

miolo tem borra-cha E.V.A. colorida, que permite ao pescador visualizar sua ração em meio às demais da ceva e pescar no visual, fígando o grandão assim que ele afunda com a isca.

Com os dois equipamentos montados, fui revezando, fígando os grandes na ração artificial de superfície e, enquanto esperava o local agitado pelo peixe acalmar, pescava no local dos espécimes médios com técnica de subsuperfície na ração natural. Cansei os braços e as costas com

as brigas com os “bitelos”, entremeadas pelos combates com os peixes médios, de até 12kg.

Como pescador geralmente é ávido por conhecimento e peixes, deixava uma vara (20lb, flexível de ação média/branda, linha 0,50mm, chumbo de 30g, anzol 6/0 empa-

tado) na espera com cabeça de Tilápia e salsicha como isca e sininho para sinalizar as figadas (que nesse caso, quando aconteciam eram de tirar o fôlego), pois o peixe arrancava com tamanha força que envergava a varinha até embaixo, parecendo querer quebrá-la ao meio. Adrenalina pura!

EO "TREM" CHEGA DE MANSINHO

Eis que, em uma das vezes após a água do pescueiro "descansar", vi uma sombra enorme nadando e, eventualmente, recolhendo da superfície algum grão de ração de ceva extraviado. Caminhei pisando devagar, pois os peixes redondos tem ótima audição e por sua linha lateral sentem as vibrações de pisadas. Cheguei a um local sombreado e arremessei mais um punhado de ceva. Os rebojos se iniciam e a sombra reaparece, colhendo com uma suavidade impensada os punhados de ração flutuante, com os peixes menores se afastando para deixar espaço ao grandão. Arremesso a boia latreada bem além do local, com a ração artificial visível de onde eu estava, atada à ponta do líder de um metro de fluorcarbono.

Os rebojos diminuem um pouco, mas retomam pouco depois e, com o coração aos pulos, recolho lentamente a linha fazendo com que a isca se encontre serenamente com ração flutuante da ceva. A tensão aumenta, com a pescaria no visual e os enormes Tambacus (inclusive "A sombra") passam ao lado da isca, até que, mansamente, a "sombra" vem e suga gentilmente a ração.

No breve instante em que a linha estica e a figada é feita, e confirmada, parece que o mundo para! Carretilha cantando, peixe tomando linha e a vara apontada para o céu para reduzir as possibilidades do peixe achar um enrosco no caminho e alcançar a liberdade. Na primeira corrida, lá se vão mais de 40 metros de linha, mas consigo com um movimento lateral brusco, conter a corrida do peixe. Com um pouco de calma e sem dar folga na tensão do monofilamento, alguns metros são recolhidos até que ele percebe a minha presença e volta a tomar linha desenfreadamente. Mais uma vez o canto da carretilha é música aos meus ouvidos e, a cada



tomada, o freio bem regulado faz com que o exemplar se canse um pouco mais, diminuindo a distância entre pescador e troféu. Quando achei que finalmente meu enorme contendor estaria entregue, em uma última arrancada fulminante o leva à liberdade, pois se não fosse eu ter andado "de ré" enquanto ele tomava linha, teria atingido o capim flutuante da lagoa e talvez se enredado até conseguir

livrar-se do anzol. Recolho novamente linha e desta vez ele vem entregue, calmo e cansado entrando no puçá reforçado do pescueiro. Com a ajuda de um empregado local, retiro ofegante o peixe da e o levo para pesar: 24,7kg! Tremendo pela emoção da captura, faço a pose para as fotos e levo meu oponente ao seu corner na beira da lagoa, oxigenando-o até que, em uma rabanada enérgica, me molha todo e



retoma à sua casa. Meu objetivo estava cumprido, fisgar um grande Tambacu, mesmo nos rigores do inverno!

FORÇAS REVIGORADAS

Após fisgar o “submarino”, ainda vieram outros trezininhos em minha linha, mas já estava realizado, cansado e feliz! A perseverança, a observação e a teimosia do pescador deram o resultado esperado, sempre com os peixes vol-

tando são e salvos para a água. No total, foram mais de 30 peixes fisgados e soltos ao longo de três dias de pescaria, com muito frio e vento, mas que não só trouxeram músculos extenuados ao pescador, mas também o merecido descanso, já que para quem gosta de natureza, ar puro e orvalho pela manhã molhando a gente, a higiene mental é o que mais conta.

Fica aqui sempre o agradecimento aos amigos da pousada e aos companheiros pescadores diaristas que, com o usual espírito esportivo, sempre trocavam informações, iscas e conselhos, torcendo conosco a cada peixe fisgado. Obrigado! **MP**